

Diários intermitentes

México 18-8-74

Uns semanas no Brasil. A primeira vez em dez anos que me senti mais do mesmo à vontade "envolvido" com o Brasil. Olhava as pessoas como gente corrente; se alguém se dirigia a mim já não me pensava pelo espírito que poderia ser algo especial. E isso foi suficiente para que tudo mais pudesse ser visto e sentido de forma diferente. Pode rememorar-me espiritualmente com coisas que não partem de mim. É como se eu descobrisse coisas que estavam perdidas em armários e gavetas esquecidos.

Perfunto-me se este estado de espírito não me induz a "compromissos", a embater a minha consciência crítica. Será que vou perder essa lucidez que não me abandonou em nenhum momento, no que respeita às coisas brasileiras. Essa lucidez terá sido aqui o fruto mais político destes anos de exílio. Ou será que surge em mim uma certa fadiga, uma lucidez de lucidez? Vejo o mundo, esse mundo, tal qual ele é. Mas também vejo como é fácil superestimar a capacidade pessoal para mudá-lo. Vejo o último livro de Hélio não posso deixar de maravilhar-me com a extraordinária capacidade que ele tem de iludir-se superestimando a própria capacidade para interferir no acontecimento.

Falando com intelectuais, particularmente os de formação marxista, vejo o importante que é dispor de uma utopia para sobreviver neste mundo absurdo. Imaginar que as "contradições" se estão agravando, que o futuro

Celso Furtado

**Diários
intermitentes
1937-2002**

Organização, apresentação e notas
Rosa Freire d'Aguiar

Prefácio
João Antonio de Paula



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Rosa Freire d'Aguiar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Mariana Newlands

FOTOS DE CAPA, QUARTA CAPA E MIOLO

Acervo Rosa Freire d'Aguiar

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

PREPARAÇÃO

Oswaldo Tagliavini Filho

REVISÃO

Marina Nogueira

Clara Diament

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori



Esta obra contou com o apoio do Centro Internacional
Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Furtado, Celso, 1920-2004

Diários intermitentes : 1937-2002 / Celso Furtado.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3267-6

1. Diários 2. Economista – Brasil 3. Furtado, Celso,
1920-2004 – Anotações, rascunhos etc. 4. Memórias
I. Título.

19-27905

CDD-330.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Economistas brasileiros : Diários 330.092

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação — *Rosa Freire d'Aguiar* 7

Prefácio — *João Antonio de Paula* 13

1. João Pessoa e Recife, 1937-1939 37

2. Rio de Janeiro, 1940-1946 55

3. A guerra na Itália, 1945 73

4. Paris, 1947-1948 89

5. América Latina, 1951-1958 121

6. Brasil, 1958-1964 151

7. Exílio, 1964-1983 219

8. Redemocratização, 1984-1985 279

9. Ministério da Cultura, Constituinte, 1986-1988 329

10. Balanços, sínteses, 1988-2002 407

Índice onomástico 429

**Diários
intermitentes**

1. João Pessoa e Recife, 1937-1939

É num caderno grande, pautado, que Celso Furtado começa, no início de 1938, seu primeiro diário. Um ano antes, no dia em que completara dezessete anos, esboçara escrever, em folhas soltas, sobre o seu cotidiano. Mas o projeto não foi longe. Como relembra, já no caderno, “sob influência de algumas leituras criei coragem e comecei uma crônica diária de minha vida”. Logo se deu conta de que era horrível relatar diariamente as minúcias de uma vida, por mais simples que ela fosse: “E eu, como é fácil prever, fui cansando e parei”. Reconhece, também, que “falta de orientação segura e outras coisas estiveram sempre a me embargar o passo”.

Em 1937 ele terminava os estudos no Liceu Paraibano, em João Pessoa, e à noite fazia, no quartel, o tiro de guerra que lhe conferiria o certificado de reservista do Exército. Em março de 1938 muda-se para o Recife, onde por um ano cursa o pré-jurídico, que preparava os jovens para o curso de direito. Recife representou o desafio de morar sozinho, aos dezessete anos, e estudar no prestigioso Ginásio Pernambucano, que com seus novecentos alunos assustava o rapaz vindo da acanhada João Pessoa em que os estudantes do liceu formavam um grupinho de amigos. Findo o pré-jurídico, o plano de ingressar na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro foi adiado por um ano, pois os pais deviam cuidar do casamento da primogênita, e no orçamento familiar não caberiam as

despesas de enxoval e de instalação do filho na capital da República. De volta a João Pessoa, ele então se matriculou no Instituto de Educação, em curso noturno, onde optou pelas aulas diárias de latim e literatura, suas matérias preferidas, e, quatro vezes por semana, sociologia, filosofia, higiene e geografia, como se lê no horário escolar registrado numa cadernetinha.

Nos diários destes anos descobre-se um jovem dividido entre estudos, leituras, divagações, angústias, amores e desencantos. E já então cogitando em escrever sobre o Brasil, conforme registro de 20 de agosto de 1938.

JOÃO PESSOA, 26 DE JULHO A 5 DE AGOSTO DE 1937

Passei o dia do meu aniversário um pouco diferente dos demais. Sentia tanta confiança em mim que me julgava o homem mais completo do mundo. Aquilo que se chama amor não existia para mim. Estive em casa todo o dia, saindo apenas à noite. Modéstia à parte, neste dia julguei-me quase um deus. À noite fui à rua. Estive na praça, ouvi a conferência de Ademar Vidal¹ (pelo rádio). Essa conferência foi lida na convenção estudantil, onde havia de tudo, menos estudante. Conversei até meia-noite com Jamil, Fernando Falcão e Claudio Santa Cruz a respeito do individualismo e do socialismo.



O casal Maria Alice e Maurício Furtado (ao centro) e os filhos Aída, Antonieta e Jorge (ao fundo), Celso e Helena (à esq. e à dir.) e Mario e Jair (à frente). João Pessoa, 1937.

¹ Ademar Vidal (1897-1986) ocupou cargos no governo estadual e foi procurador da República. Estudioso do patrimônio cultural da Paraíba e suas manifestações populares, é autor de *Lendas e superstições* e de *O outro Eu de Augusto dos Anjos*.

No dia 27 começou a Festa das Neves.² Estive no quartel até 10h, onde [o tenente] Ciraulo nos empatou com embromação (ele estava de dia). Fui até o pátio de farda. Choveu nessa noite e continuou chovendo todas as noites. Eu não tinha interesse algum, não faltava, porém, a nem uma noite. O que mais me atraía era ler os jornais com meus camaradas, ver se buliam comigo ou sentir o efeito do que eu escrevia no *Fuxico*, onde, da terceira noite em diante, passei a colaborar. Chegava no pátio às 9h, passeava um pouco e ia ao pavilhão (fui quatro noites) com a cambada do *Fuxico*: Edson, Mario e Calmon. Aborrecia-me às vezes com essa história do beber à custa dos outros. Vinha para casa às 2h com meus camaradas todos bêbados, sendo eu a única pessoa ainda com um bocado de razão. Divertia-me bastante com o espalhafato dos outros companheiros. Edson, na segunda vez, chegou a ponto de se agarrar à janela de O. e beijar a varanda. Isto à custa de insinuações minhas. No dia 3 publiquei quatro estrofes dedicadas a Car. Fiquei tão apaixonado que passei dois dias seguintes todos idealizando amores platônicos. E, posso afirmar, jamais profanei a sua memória com uma ideia indigna. E também jamais senti um amor tão sublimemente platônico, tão adequado às minhas ideias.

JOÃO PESSOA, 15.8.37

Vou ao cinema ver *Rêve d'amour*, de Liszt. Assisto às duas sessões e fico verdadeiramente sublimado. Amo, nesse momento, a música mais que nunca.

² Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade, é comemorada a 5 de agosto. A festa tem início dias antes, com procissões, barraquinhas, danças típicas. Era a maior manifestação religiosa e cultural da cidade, e os estudantes publicavam jornaizinhos com poemas e charadas. Celso Furtado (CF) colaborou em alguns.

JOÃO PESSOA, 16.8.37

Há instrução de canto, de noite. No quartel. O tenente, não tendo o que me perguntar, no fim da instrução indaga de mim: “Não é na véspera que se faz a festa?”. (Referia-se ao dia 6, véspera do Dia da Pátria, em que íamos cantar. Na instrução anterior ele me perguntara se “à direita” tinha crase...)

JOÃO PESSOA, 17.8.37

Vou à reunião dos quintanistas. Na votação dos homenageados eu opino para que eles todos desapareçam. A maioria vence, porém. Apenas o Edésio e o Calmon votam comigo. Tiro caderneta de centrista.³ Dou aula de geografia.



Nomeação para lecionar numa escola pública de João Pessoa.

3 O Centro Estudantil do Liceu Paraibano designava certos alunos para dirigir cursos noturnos em escolas da periferia. CF deu aulas de geografia e história numa delas.

JOÃO PESSOA, 18.8.37

Vou de manhã bem cedo a Cabedelo com uma comitiva, esperar o sr. Gustavo Ambrust, presidente da Cruzada do Ministério da Educação.⁴ Começam, pelo meu, a sair os perfis dos quintanistas na *Imprensa*.

Tirei uma conclusão nestes dias que é minha de muito, mas que eu havia desprezado em parte nos últimos tempos: a felicidade só chegou até mim, só se sente atraída por mim nos momentos em que eu consigo me isolar o mais possível dos homens. A solidão tem sido minha melhor amiga. Todas as vezes que pretendo me confundir com os homens, condeno-me a dissabores, arrependimentos etc. Poderei ser muito feliz se não forçar este determinismo. Tenho lido muito e estudado pouco. Liszt tornou o piano mais interessante, nestes últimos tempos.

JOÃO PESSOA, 1937

Intrigara-me sempre a atitude da maioria dos meus colegas que diziam ir à praça, à rua, aos cinemas arranjar meninas. Na verdade não me era possível compreender como espontaneamente alguém procurava compromissos de tal natureza: além de exposto a dissabores, o pobre-diabo ficava na obrigação de perder horas e horas alimentando o pior dos assuntos (que é geralmente o escolhido) com uma pessoa medíocre, tendo por cima de se submeter a tudo para ser “cavalheiro”. Mais me intrigava ainda o espírito de servilismo dos meus colegas para com as mulheres — revoltava-me. Tinham alguns raiva de mim por, em certas conversas, eu contradizer, chamar a atenção ou retificar nossas colegas. Irritavam-se. E eu tomado de espanto às vezes exclamava — Qual! As mulheres tiram-lhes a razão.

4 O médico Gustavo Ambrust (1879-1953) foi presidente da Cruzada Nacional de Educação, criada por Getúlio Vargas em 1932 em favor da alfabetização do país. Percorreu várias cidades incentivando estudantes e professores a organizar cursos de alfabetização de adultos. Cf. que terminava o Liceu Paraibano, alfabetizou adultos em aulas noturnas, no quintal da casa dos pais.

Pouco tempo depois, porém, eu pegava o fio de toda a coisa. Em dado momento eu percebi que uma das mulheres que os meus colegas tão servilmente tratavam andava “pisando mole” para minhas bandas. Antes de tomar qualquer atitude, eu, como racional, me julguei no direito de refletir. E pensei — não podia ela ser o objeto que eu amaria, uma vez que há muito a conhecia (embora sem com ela trocar palavra) e dela não tinha sofrido influência alguma. Se era assim, ela queria apenas — como a muitos o fizera — “sangrar-me”. Percebi também que o caso se dava justamente com a mais disputada das nossas colegas. Ante isso, não resisti. Que de mais possuía ela para ser tão desejada? Não era, sem dúvida, inconscientemente que preferiam-na às outras. A curiosidade apossou-se de mim, decidi-me por ela. Muito tive que aborrecer-me: horas que podiam ser aproveitadas em boas palestras ou em frutuosas leituras eram perdidas irreparavelmente. Dentro de três dias quis pôr os “pés atrás”, acanhei-me; provocar ciúmes não sabia — era impossível capitular, e eu estava “danado da vida”.⁵

JOÃO PESSOA, JANEIRO DE 1938

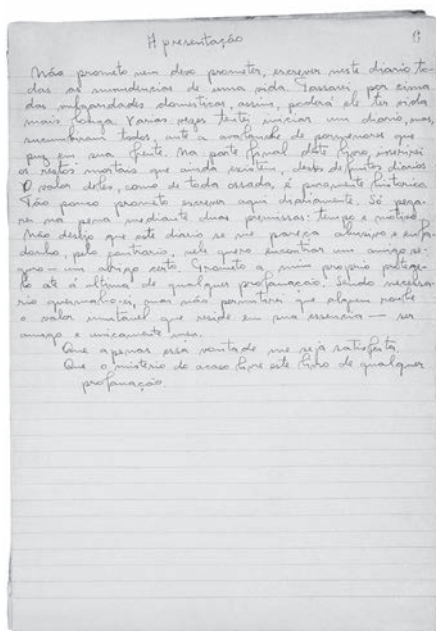
Não prometo nem devo prometer escrever neste diário todas as minudências de uma vida. Passarei por cima das vulgaridades domésticas, assim, poderá ele ter vida mais longa. Várias vezes tentei iniciar um diário, mas sucumbiram todos, ante a avalanche de pormenores que pus em sua frente. Na parte final deste livro inserirei os restos mortais que ainda existem destes defuntos diários. O valor deles, como de toda ossada, é puramente histórico. Tampouco prometo escrever aqui diariamente. Só pegarei na pena mediante duas premissas: tempo e motivo. Não desejo que este diário se me pareça abusivo e enfadonho, pelo contrário, nele

⁵ No final da página desse bloco, CF escreveu, em 4 de setembro de 1938: “Trata-se de Madalena”. Referência a Maria Magdalena Guedes Pereira, que mais tarde se casaria com Gilberto Freyre.

quero encontrar um amigo seguro — um abrigo certo. Prometo a mim próprio protegê-lo até a última página de qualquer profanação. Sendo necessário, queimá-lo-ei, mas não permitirei que alguém roube o valor imutável que reside em sua essência — ser amigo e unicamente meu.

Que apenas essa vontade me seja satisfeita.

Que o mistério do acaso livre este livro de qualquer profanação.



O primeiro caderno dedicado aos diários.
Recife, 1938.

JOÃO PESSOA, 13.2.38, DOMINGO

Vivi:

Fui feliz e sofri.

JOÃO PESSOA, 20.2.38

Oh, o mundo, como é engraçado!

Inventaram que o mundo ia se acabar amanhã, com a passagem d'um cometa, e o povo está impressionado... Já me diverti muito hoje com isso. Mas, fora de brincadeira, se o mundo tivesse mesmo de se acabar? Estive a pensar, e verifiquei que havia de fazer um bocado de misérias — perderia todos os escrúpulos! Seriamente: seria um monstro. Vingar-me-ia da sociedade, dos homens, das mulheres — do mundo!

Continuo lendo bastante. Estou com o propósito de estudar um bocado de latim antes de ir para o Recife.

Foi deferida a petição que, com alguns colegas, fiz ao governo para cursar a Escola Normal. Já me chamam de professor. Mas qual. É inútil. Tenho que ir-me.

RECIFE, 13.3.38

Muitas vezes uma semana nos traz à vida mais novidades e inovações que anos de existência. Estes últimos dez dias estão, sem dúvida, nesse caso. Estou sentado a olhar o Capibaribe... em uma pensão. Pretendo passar, aqui, um ano. Cada vez eu me convenço mais da tolice de viver. Eu estou aqui. Não tenho preocupações. Nenhuma paixão me tortura o espírito. E eu sinto a inutilidade da vida. Nós só nos identificamos com o mundo por intermédio da dor. A felicidade que os homens idealizaram é apenas o ócio. Tudo diz que sou feliz neste momento. O ócio fere-me a alma.

Cheguei a Recife como pretendia, a 10 [de março]. No dia 11 matriculei-me no Ginásio [Pernambucano]. Tudo se sucedeu do melhor modo possível. Estou maravilhosamente hospedado. Em um ótimo quarto. Apeldei-o Reino de Sabá e com toda razão. E o ócio em mim é a maior força. Escrevo forçado.

Saí de João Pessoa com mais de mil documentos que me deram enor-

me trabalho para arranjar. Chego aqui e quase que deles não preciso. No quarto onde estou, estive um casal de mexicanos cantores de teatro. A mulher, verdadeiramente insinuante, mereceu de mim o nome de Rainha de Sabá. Eis o motivo por que habito um reino... Hoje é domingo e eu estou triste porque não tenho a minha praça João Pessoa para espaiar...

RECIFE, 20.3.38

Eu sempre pensei que a solidão, o isolamento que me acompanha em todos os meus atos, mesmo os mais ordinários da vida, foi o maior incentivo de minha vida literária fruto do meu mundo interior. Esse isolamento nos dá personalidade, nos torna sentimentais. O homem que vive só é sempre um erótico, um sensual. Eu vivia isolado. Tinha um mundo só para mim. É lógico que procurasse povoá-lo com minha fantasia. E era cercado por essa fantasia que eu vivia. Os fatos, os mais tolos de minha vida, eu transpunha-os para o meu mundo de fantasias e com eles voava para a cidade de Platão. Via uma criatura na rua — com ela trocava algumas palavras ou olhares. E quando chegava em meu mundo, quando dobrava minha cabeça, sozinho e triste, chamava para minha companhia aquelas palavras ou aqueles olhares, e na potência de minha imaginação eu fantasiava uma estrada de flores ou um precipício de espinhos. Eu tinha o meu mundo — aonde as asas imensas de minha personalidade se expandiam e semeavam as ideias fecundas que as tornavam sublimes.

Há tédio na cidade de Platão, há tristeza no mundo que eu criei. Eu hoje choro essa tristeza sublime. Choro meu mundo com a tristeza de Deus se o universo ruísse.

RECIFE, 1.4.38

Tenho quatro ou cinco horas diárias de aula. Os professores não faltam por motivo nenhum. Tenho as manhãs e as noites para estudar. Sin-

to uma falta horrível de livros. O estudo aqui não é como o do liceu, que se faz em um ou dois livros. Faz-se necessária uma biblioteca. Precisamos consultar uma dezena de autores para criticar um fato histórico ou emitir um conceito de economia política. Os estudos de latim, literatura, biologia e psicologia tornaram-se amplos e complexos. Os meus colegas de estudo são, mais ou menos, tímidos e medíocres. Sou eu, talvez, a única pessoa que já se familiarizou com os professores. O Olívio Montenegro⁶ chegou mesmo a me chamar depois da aula e perguntar pela minha procedência, os livros que possuía etc.

JOÃO PESSOA, 22.6.38

Estou na Paraíba desde o dia primeiro. Passei nove dias em Campina. O meu *modus vivendi* atual é o mais desinteressante possível. Não tenho amores nem amizades. Vivo em completo isolamento. Embora tenha lido muito, não sinto paixão pelo que leio. Finalmente: estou com os pés doentes, quase impossibilitado de andar, o que muito me martiriza. Depois que cheguei do Recife já li: *Conduta* (R. Kehl), *Caçadores de símbolos* (Grieco),⁷ *China, velha China* (Pearl Buck), *Filosofia da vida* (Will Durant).

RECIFE, 5.7.38

As aulas recomeçaram hoje. Tive ocasião de ver minhas notas (aqui são todas publicadas em conjunto em um grande quadro). Vejamo-las: economia política e estatística: 100; biologia: 90; psicologia: 90; literatu-

⁶ Olívio Montenegro (1896-1962), paraibano, jornalista e crítico literário, era professor de história do Ginásio Pernambucano, que mais tarde dirigiria. É autor de *O romance brasileiro*.

⁷ *Conduta: conceitos e preceitos éticos para jovens de ambos os sexos*, de Renato Kehl, fez grande sucesso na época, e teve três edições em um ano. O livro de Agripino Grieco, *Caçadores de símbolos*, de 1923, reúne seus estudos literários.

ra: 90; história: 80; latim: 75. Média: 87,5. Sei que podiam ser melhores. Em todo caso, esse 100 que por aí apareceu foi o único dos cursos pré-jurídicos e a média a melhor de todos os cursos pré-acadêmicos do ginásio.

RECIFE, 8.8.38

Muito bem disse Schopenhauer: apenas o sofrimento é capaz de encher uma vida. O mais que a felicidade nos pode trazer é o desinteresse, o tédio.

Eu tenho sido feliz nestes últimos tempos — por isso desprezei o meu diário como a muitas outras coisas que me são caras. Mas, em parte, há razão. Que iria eu escrever aqui? Que acordei, comi, estudei, fui ao ginásio... Minha vida tem sido rudimentar ao extremo. Nada me impressiona, coisa alguma me preocupa. Sinceramente, vitórias não me têm faltado: tiro as melhores notas do ginásio, estudo muito, sou por todos considerado, nenhuma contrariedade... Que quero mais? E é justamente por causa de tudo isso que o tédio não me deixa.

RECIFE, 20.8.38

Quero registrar hoje, aqui, uma ideia que há tempo venho acariciando: escrever uma História da Civilização Brasileira.

Seria uma obra completa sob o ponto de vista crítico-filosófico. Não seguiria o plano até hoje seguido pelos nossos historiadores.

Ao lado das influências individuais observaria as influências das coletividades. Não me deixaria emaranhar pelos fatos. Não seria uma história das guerras.

Vejo dentro de mim todo esse monumento isento de facciosidade, de paixões: a História de uma Civilização.

20

Quero registrar hoje, aqui, uma idéia que ha tempo me
 acossava: escrever uma Historia da Civilização Brasileira.
 Será uma obra completa até o ponto de vista critico. Poderá
 ter três sequencias e planos até hoje segundo pelo menos historicos
 modernos.

No plano das influencias culturais observarei as influencias das
 civilizações. Mas me deixarei surraçar pelas fatos! Não será
 uma Historia das guerras.

Vou deitar de novo todo esse monumento sobre de fundação
 de, de passar a Historia de uma Civilização.

- 23 -

Joana da vida! Se admiramos as coisas que não se deitam
 lá.

Eu habito um patão, ha aqui melancia. O rio corre a con-
 dita frente. Ha cultura; ha religião. Mas nada disso admira.
 Quando quero se filio deprecio a coragem pela organização para
 minha praia. Se coisas distintas parecem, ha lá.

Qualidade: que se deve fazer para ser filio?
 Se aqui uma coisa semelhante.
 Se não uma é organizado pelo seguinte.
 Será que acaso não des que se de a fidelidade?
 Certo. Fortissimo com, matematico, para ser filio...

Então resolve o trabalho. Ha cultura em termos de um e do-
 do de uma sensação. Neste momento se não a nada - a negação
 da vida. E não ser filio.

Será que depois de muitos tentamos a seguir?
 Seramente: se posso a produção da terra no melhor
 dos passagens. Nada me surge mais que uma vida futura.
 Nada mais e nada!

Planos de uma obra para explicar a civilização brasileira. Recife, agosto de 1938.

RECIFE, 22.8.38

Só agora soube de todas as minhas notas da segunda prova. A média teve uma baixa de três pontos; mas continua sendo a maior da turma.

RECIFE, 26.8.38

Uma grande alegria tem-me confortado nestes últimos dias: a certeza de que serão recompensados os meus esforços com a dispensa da taxa no próximo ano. O que me orgulha é poder dizer em casa que não estou estragando o dinheiro de meu pai... Sinto-me mais contente porque sei que isso servirá de estímulo para que eu intensifique os estudos até o fim do ano.

Minha vida tem sido simples: vou ao ginásio, à casa do dentista, estudo quase todo o tempo que estou em casa e... quando sobra tempo: recordo, sonho, leio este diário.

Oh, tudo que tenho escrito é tão insípido. Parece a minha vida.

RECIFE, 30.9.38

Fui suspenso no ginásio por três dias porque ensinei a uns colegas na prova de psicologia...

A vida é assim.

Tenho lido muito.

RECIFE, 26.10.38

O professor de literatura quer por força que eu tome parte em um novo júri, acusando Gregório VII. Eu, porém, já o desenganei — preciso de estudar para a última prova. A minha resolução parece-me ter dado termo ao júri... Já que estamos falando de júri, tenho a dizer que o meu trabalho⁸ foi lido pelo dr. Olívio Montenegro, autor de *O romance brasileiro*, reputado um dos maiores críticos do Brasil. Disse-me ele — após fazer-me os maiores elogios — que ia entregar o meu trabalho ao Gastão Cruls, que vem agora ao Norte, para ser publicado em uma revista literária do Rio. Acrescentou que desejava me apresentar ao Gilberto Freyre, quando este voltar da Europa, e a José Lins do Rego e Adalgisa Nery, que estão de viagem marcada para cá. Afora isto aconselhou-me a ingressar no magistério, prontificando-se ele e o dr. Silvio Rabelo a me facilitarem os meios.

RECIFE, 13.11.38

Um acontecimento notável por sua feição ridículo-cômica veio hoje perturbar a monotonia da minha vida: eu tenho todos os domingos ido a Olinda, pela manhã, tomar banho de mar e jogado voleibol à tarde em

⁸ Trata-se de “Liberalismo econômico”, longa dissertação escolar que CF apresentou em 1938, numa aula de júri simulado, em defesa do liberalismo.

Liberalismo (Recife, 1938)

Econômico

I

Nós e as ideologias

Nos momentos trágicos da humanidade — quando as carceres pesadas de esperanças inclinam-se e os corações caídos por seus pesos; quando a própria esperança sent-se enxada e a religião já não é bastante forte para combater — mas para a ajuda e a ajuda de embargos a catástrofe; de sempre o organismo combatido, a sociedade.

Enquanto os homens de estado fazem suas experiências no laboratório político; os utopistas acrobata com uma harmonia tímida; os políticos divorçam-se em suas obsessões — enquanto se idas marchas e marchas — nós caminhamos desde a psicologia do velho e tiramos de seus resultados a experiência que nos será preciso em algum dia.

A humanidade não é uma criação que pertence com suas duas mãos ter escrito a última página da história. Nós assistimos na força implacável da evolução e despojamos para a imutabilidade de forma que nos querem dos homens do presente.

Oh, pobres criaturas humanas!
 Não somos quem compreendemos o universo e julgamos-nos maior que ele!

Mas, nós somos a humanidade — somos a esperança. E se os homens do presente fracassam, nada nos impede que deles assistamos de os homens desta geração não se desajustaram com respeito a si próprios e muito menos como feras, como pedras, compreendemos a nós — nós que somos o futuro?! E a humanidade de novo da humanidade desses homens — nós confiantes em si e no mundo.

O trabalho do Ginásio Pernambucano em que defende o liberalismo econômico. Recife, 1938.

um time de Santo Amaro. Hoje, porém, não fui a Olinda por estar fortemente gripado mas à tarde fui a um jogo com o meu time naquela cidade.

Evidentemente estava de peso. Deixei minha cama e meu jornal instigado pelas telefonadas dos meus colegas. Chegado em Olinda surpreendeu-me logo uma rede armada em uma rua: não havia campo. Pediram-me, porém, e lá fui eu jogar. No meio da segunda partida um carro surge no meio da rua e de dentro dele saltam duas feras, uma fardada e outra não. Agarram a rede, tomam a bola. Eu fico estupefacto e cheguei mesmo a me sentir desconsiderado, não me interessando pelo trágico desfecho, afastando-me. Mas a curiosidade dominou-me e eu me aproximei da tragédia. Todos se lamentavam e indiretamente insultavam as feras. Então eu, olhando para o soldado que puxava a corda da rede, disse irônico: “Bicho de força”. O delegado olhou-me (o bicho parecia uma pantera esfaimada — sofria, deduzi logo, das glândulas endócrinas, e seu olhar denunciava inteligência estreita e tendências afetivas), eu acrescentei: “Calma, jovem, a corda não tem culpa”. O barril

explodiu: “O senhor está arridicularizando a autoridade”. Diante de tamanho atentado ao vernáculo e ao bom senso, não me contive e sorri. O bicho enfureceu ainda mais e gritou: “O senhor está preso”. Eu acrescentei: “Estou pronto para cumprir as ordens do senhor...”. “Leve este homem.” E o soldado conduziu-me juntamente com rede e bola. Aproveitei e fui conversando com o homem que me conduzia. Dentro em pouco éramos amigos e o homem me dizia que ia haver um festão no colégio de Olinda, das freiras, de noite. E saímos prosando. Na delegacia dei nome etc. Fui para o xadrez, prosei com um preso. O mais interessante é que eu estava de camisa e calção. E assim passei pelas ruas... Ó, Olinda! Nem curiosos havia. Pouco tempo depois voltava para a delegacia. Aí os rapazes me esperavam. Vesti-me. Às seis horas chegavam ordens para me deixarem ir embora.

Aqui estou, agora, preparando-me para ir à festa de que me falou o soldado.

Ah! Esta vida...

JOÃO PESSOA, 1938

Livros lidos em 1937-8. *O guarani*, J. de Alencar, *Diva*, J. de Alencar, *Casa-grande & senzala*, G. Freyre, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, M. de Assis, *Quincas Borba*, M. de Assis, *Joseph Fouché*, S. Zweig.

JOÃO PESSOA, OUTUBRO 1939

Quando estou para chamar alguém de ignorante, pergunto-me a mim mesmo pelo cadastro das obras de Platão, ou pelo peso específico do clo-ro, ou pelo ano da morte de Helvétius; pergunto-me por que as lentes bicôncavas diminuem as imagens, ou como se calcula o volume da esfera, ou onde passa a corrente do golfo; e então me abstenho dos julgamentos precipitados a respeito da ignorância alheia. Quando alguém me

chama de burro, desarmo-o com uma pergunta: “Desculpe, qual é a capital de Honduras?”. Mas quando, por minha vez, penso que outra pessoa é muito ignorante, folheio um livro de cultura variada para os pequenos de dez anos e — mortificante exercício — constato página por página quantas são as coisas que não sei.

JOÃO PESSOA, OUTUBRO 1939

Nos salões burgueses simulam-se as virtudes, nos salões intelectuais simula-se o vício.

JOÃO PESSOA, OUTUBRO 1939

A vida é muito curta para ler-se cartas compridas.

JOÃO PESSOA, OUTUBRO 1939

Em Santa Helena, Napoleão exclamou: “*Quel roman, pourtant que ma vie!*”. A camareira que teve algumas intimidades com o patrão suspira: “A minha vida é um completo romance!”

JOÃO PESSOA, OUTUBRO DE 1939

Quando dizem “o homem descende do macaco”, julgam ter feito o resumo completo de Darwin; quando dizem: “tudo é relativo”, Einstein; “o fim justifica os meios”, Machiavel. Por que todos sabem que Machiavel punha “panos reais e curiais” para ler, e ninguém sabe que Buffon, para escrever, punha o colarinho e os punhos de renda? Todos repetem que se o nariz de Cleópatra tivesse sido menor, a face do mundo teria

sido diferente, e ninguém cita aquela outra frase de Pascal, da mesma forma lapidar, do grãozinho de areia na uretra de Cromwell.

JOÃO PESSOA, NOVEMBRO DE 1939

O que nos surpreende é a novidade: quem se habituou a considerar a dália como uma flor ornamental acha esquisito que no México a comam; os mexicanos acham esquisito que a usemos como flor de ornamento; quem trava conhecimento com o óleo de rícino como remédio acha muito esquisito que seja usado como lubrificante nos motores de aeroplano; se lhe tivessem ensinado antes que o óleo de rícino é um lubrificante de aeroplanos, teria sentido um pequeno choque ao anúncio de que se o usa como purgante. O caracterizador de Greta Garbo é Fred Walker, um ex-evangelista.